

## “A BANDA”, DE CHICO BUARQUE E SUAS RESSONÂNCIAS COM A FILOSOFIA DE GILLES DELEUZE

### “A BANDA”, BY CHICO BUARQUE AND ITS RESONANCES WITH GILLES DELEUZE ‘S PHILOSOPHY

<sup>1</sup>BONATO, L. F.; <sup>2</sup> PROVIDELLO, G. G. D.

<sup>1</sup>Graduanda em Psicologia. leticiafbonato@gmail.com

<sup>2</sup> Doutorando em Psicologia pela Unesp/Assis, Docente do curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Ourinhos. gprovidello@gmail.com

#### RESUMO

O presente estudo propõe o estabelecimento das possíveis ressonâncias entre a canção a Banda, composta pelo artista brasileiro Chico Buarque de Hollanda e os conceitos filosóficos de Gilles Deleuze, filósofo francês, acerca da arte e suas possibilidades de produzir afetações quando em contato com um corpo e/ou uma subjetividade. Durante o levantamento bibliográfico, verificou-se as similitudes entre os pensamentos dos dois criadores, que por sua vez, pensam a arte enquanto um ato de resistência, capaz de propiciar espaços para a aceleração dos pensamentos, do ato criativo, e promover o encontro com novos mundos. Foi realizado uma pesquisa bibliográfica, a partir de livros, artigos e materiais audiovisuais.

**Palavras-chave:** Filosofia da Diferença. Arte. Sensações.

#### ABSTRACT

The present study proposes the establishment of possible resonances between the song a Banda, composed by the Brazilian artist Chico Buarque de Hollanda and the philosophical concepts of Gilles Deleuze, french philosopher, about art and its possibilities of producing affectations when in contact with a body and/or a subjectivity. During the bibliographical survey, the similarities between the thoughts of the two creators, who in turn, think of art as an act of resistance, capable of providing spaces for the acceleration of the thoughts, of the creative act, and of the encounter with new worlds. A bibliographical research was carried out, from books, articles and audiovisual materials.

**Keywords:** Philosophy of Difference. Art. Sensations.

#### INTRODUÇÃO

Estava à toa na vida  
O meu amor me chamou  
Pra ver a banda passar  
Cantando coisas de amor

A minha gente sofrida  
Despediu-se da dor  
Pra ver a banda passar  
Cantando coisas de amor

O homem sério que contava dinheiro parou  
O faroleiro que contava vantagem parou  
A namorada que contava as estrelas parou  
Para ver, ouvir e dar passagem

A moça triste que vivia calada sorriu  
A rosa triste que vivia fechada se abriu  
E a meninada toda se assanhou

Pra ver a banda passar  
Cantando coisas de amor

O velho fraco se esqueceu do cansaço e pensou  
Que ainda era moço pra sair no terraço e dançou  
A moça feia debruçou na janela  
Pensando que a banda tocava pra ela  
(Chico Buarque)

A canção supracitada possibilita que pensemos e experimentemos uma multiplicidade de sensações. Trata-se de uma canção criada por Chico Buarque de Hollanda, compositor brasileiro, carioca, nascido aos dezenove dias do mês de junho de 1944.

Desde muito cedo, Chico Buarque de Hollanda já demonstrava interesse pela criação musical. Segundo a bibliografia do autor, aos doze anos de idade já compunha algumas canções em parceria com suas três irmãs caçulas. Ao longo de sua vida, o artista recebeu diferentes influências, principalmente literárias e musicais, sendo elas, estrangeiras e nacionais<sup>1</sup>.

Em 1966, durante a sua participação no II Festival de Música Popular Brasileira promovido pela Record, o artista, aos seus vinte e dois anos de idade, foi premiado em primeiro lugar por sua canção, A banda. A premiação ocorreu em conjunto com os artistas Théo de Barros e Geraldo Vandré, criadores da canção Disparada.

Sua canção, A banda, repercutiu pelos meios midiáticos com muita rapidez, recebendo traduções para diversos idiomas e servindo como fonte de inspiração até mesmo ao poeta Carlos Drummond de Andrade, que criou a crônica a partir da canção:

O jeito, no momento, é ver a banda passar, cantando coisas de amor. Pois de amor andamos todos precisados, em dose tal que nos alegre, nos reumanize, nos corrija, nos dê paciência e esperança, força, capacidade de entender, perdoar, ir para a frente. Amor que seja navio, casa, coisa cintilante, que nos vacine contra o feio, o errado, o triste, o mau, o absurdo e o mais que estamos vivendo ou presenciando. A ordem, meus manos e desconhecidos meus, é abrir a janela, abrir não, escancará-la, é subir ao terraço como fez o velho que era fraco mas subiu assim mesmo, é correr à rua no rastro da meninada, e ver e ouvir a banda que passa. Viva a música, viva o sopro de amor que a música e banda vem trazendo, Chico Buarque de Hollanda à frente, e que restaura em nós hipotecados palácios em ruínas, jardins pisoteados, cisternas secas, compensando-nos da confiança perdida nos homens e suas promessas, da perda dos sonhos que o desamor puiu e fixou, e que são agora como o paletó roído de traça, a pele escarificada de onde fugiu a beleza, o pó no ar, na falta de ar (...) Se uma banda sozinha faz a cidade toda se enfeitar e provoca até o aparecimento da lua cheia no céu confuso e soturno, crivado de signos

<sup>1</sup><http://www.chicobuarque.com.br/vida/vida.htm>

ameaçadores, é porque há uma beleza generosa e solidária na banda, há uma indicação clara para todos os que têm responsabilidade de mandar e os que são mandados, os que estão contando dinheiro e os que não o têm para contar e muito menos para gastar, os espertos e os zangados, os vingadores e os ressentidos, os ambiciosos e todos, mas todos os etcéteras que eu poderia alinhar aqui se dispusesse da página inteira. Coisas de amor são finezas que se oferecem a qualquer um que saiba cultivá-las, distribuí-las, começando por querer que elas floresçam. E não se limitam ao jardinzinho particular de afetos que cobre a área de nossa vida particular: abrange terreno infinito, nas relações humanas, no país como entidade social carente de amor, no universo-mundo onde a voz do Papa soa como uma trompa longínqua, chamando o velho fraco, a mocinha feia, o homem sério, o faroleiro... **todos que viram a banda passar, e por uns minutos se sentiram melhores. E se o que era doce acabou, depois que a banda passou, que venha outra banda, Chico, e que nunca uma banda como essa deixe de musicalizar a alma da gente.** (DRUMMOND, 1996, p.6, Correio da Manhã - Grifo nosso).

Ainda em sua biografia, Chico Buarque relata que em 1966, ao realizar o lançamento do seu primeiro LP, encontrou-se diante de alguns impedimentos devido à censura destinada a de sua canção Tamandaré: “a música *Tamandaré*, incluída no repertório do show *Meu refrão* (com o grupo MPB-4 e Odette Lara), é proibida após seis meses em cartaz, por conter frases consideradas ofensivas ao patrono da Marinha, cujo rosto aparecia na velha cédula de um cruzeiro.”

Segundo Martins (2005) em seu artigo intitulado de “O inconformismo social no discurso de Chico Buarque”, o autor realiza uma investigação a partir das entrevistas concedidas pelo artista à periódicos ao longo de sua trajetória profissional. A partir deste estudo, realiza diversas problematizações acerca da postura ousada do artista, que busca a partir de suas criações, refletir seu posicionamento “indignado” frente às questões sociais.

Nota-se que Chico Buarque(1999) utiliza-se de diversas linguagens estéticas para dar contornos às suas criações e as considera formas de resistência. Menciona: “Todo lo que sea imaginación es una forma de resistencia. Esto no lo digo yo. Em el Mayo Francés decían: “la imaginación al poder”.

Em uma entrevista concedida à Revista Veja em agosto de 1978, o artista verbaliza que não busca a partir de suas criações (musicais, literárias e teatrais), promover quaisquer mudanças em seu público, mas ao expor suas criações, prefere que cada indivíduo tire suas próprias conclusões. Enfatiza que incomoda-se com a necessidade de “propor soluções”:

Desde a primeira música que gravei - "Pedro Pedreiro" - venho sendo atacado nesse sentido. "Pedro Pedreiro" retrata nesse sentido. "Pedro Pedreiro" retrata a situação do pedreiro que está esperando o trem, que enfim já vem e o trem

chega e não muda nada. Realmente, eu não proponho mudanças. A ideia é justamente essa: constatar uma situação, colocar uma situação, confiando no critério das pessoas que vão ouvir minha música ou assistir à peça. E que elas tirem daí alguma conclusão. Eu tenho até uma certa antipatia pelo trabalho que ao mesmo tempo representa uma situação e se propõe a jogar uma solução. Me parece óbvio. É uma questão de gosto pessoal mesmo. Eu prefiro a visão mais jornalística: táí, a situação é essa, vocês tirem a conclusão que quiserem. (BUARQUE, 1978, s/ p.).

Neste sentido, Martins (2005), relata que Chico Buarque não se identifica com a imagem de um militante, mas sim, de uma pessoa comum com indignações sociais comuns. A respeito disso, Buarque (1978) verbaliza que enquanto artista, pensa que seu papel esteja vinculado a produção de denúncias, a medida em que leva (no contexto da entrevista refere-se ao teatro) ao seu público suas indignações, possibilitando-lhes espaços para a criação de pensamentos.

Durante uma entrevista concedida à GOLDZTEJN (1997), o artista relata que é em meio as suas angústias que encontra suas forças criativas e que durante os momentos em que não encontra-se produzindo é tomado novamente por angústias, ou seja: o ato criativo o move, o satisfaz.

Menciona, ainda, que utiliza-se da escrita por absoluta necessidade, assim como as demais formas de manifestações artísticas. Mas em especial pela escrita, o artista encontra maneiras de expressar sensações que não poderiam ser expressas de outras maneiras, como por exemplo, através da música.

Ainda nesta entrevista, Chico Buarque nos proporciona interessantes a respeito do papel do artista, visto enquanto um sujeito cujo o ofício é a promoção de desordem, sendo que a palavra não encontra-se associada à indisciplina, mas a algo essencial para as artes:

Os artistas estão aí justamente para perturbar a ordem e nisso sempre estiveram - não adianta agora querer mudar a História. De alguma maneira, nós, os artistas, sempre vamos perturbar a ordem, e note que não estou falando nem da arte diretamente política, do tipo "canção de protesto". João Gilberto cantando perturbou a ordem. Ele abalou as estruturas e nem sabe disto. **Tanto é que bagunçando a ordem estabelecida ele gerou todo este pessoal que está fazendo música por aí, eu inclusive.** O movimento tropicalista era um pouco isto, só que o movimento tropicalista era mais tipificado. Tinha esta intenção. O João Gilberto nem tinha esta intenção. Inclusive o João já é quase um grande desconhecido do grande público aqui no Brasil. É uma pessoa que nunca teve simpatia da imprensa. Um incompreendido mesmo. (BUARQUE, 1997, s/ p.- Grifo nosso).

Nota-se que, neste sentido, a palavra ordem refere-se a algo que atravessa os corpos e promove afetações e mudanças de estados subjetivos. Não trata-se de algo,

como dito acima, que visa a promoção de comportamentos rebeldes, mas sim, a promoção dos pensamentos e do ato criativo.

A partir das ideias de Martins (2005) e desta breve síntese a respeito do pensamento de Chico Buarque, percebemos que para o artista a arte trata-se de uma potente fonte de afetações, pois a partir de suas obras caracterizadas enquanto críticas sociais, o artista possibilita a promoção dos pensamentos, das imaginações e das forças criativas, que por sua vez, propiciam encontros com novos mundos e abrem caminhos para a construção de novas realidades.

## **GILLES DELEUZE E A ARTE**

Em seu texto "A literatura e a vida" Deleuze (2011, p. 11) nos alerta: "Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida". Concordamos com o filósofo: a escrita é um ato de devir, já que a princípio buscamos obter maiores informações a respeito da canção A banda e durante o percurso trilhado nos deparamos com novas descobertas que nos levaram ao conhecimento do fantástico discurso de Chico Buarque.

Notamos as incríveis similitudes entre as ideias do artista carioca e as ideias propostas pelo filósofo francês, Gilles Deleuze a respeito da arte e do ato criativo. Diante de algo tão inesperado arriscamos uma improvisação: compreender os possíveis encontros decorrentes destes pensamentos.

A priori torna-se primordial o entendimento de que a filosofia de Deleuze (2016) não caracteriza-se enquanto uma disciplina estritamente reflexiva, feita para refletir sobre os fatos, mas trata-se de uma disciplina criadora, que visa propiciar espaços para a criação de conceitos, que necessariamente precisam ser ampliados, modificados e dotados de auto movimentos.

Para Deleuze (1991) as formas de criação são múltiplas, elas emanam por todos os tipos de expressão e domínios. O filósofo menciona que há criação na ciência, na filosofia e nas artes. A ciência produz suas ideias por meio da criação de funções, cujos elementos são os functivos: a criação de inteligibilidade do caos através do método e da matemática. A filosofia extrai do caos a possibilidade de criar conceitos infinitos, as artes, por sua vez, vencem o caos com um salto, extraíndo dele forças para a composição de blocos de perceptos e afectos, capazes de conservarem-se em si.

Todas as formas de criação, envoltas em diferentes domínios, são processos altamente complexos, envoltos por múltiplos atravessamentos. Segundo Deleuze (2016), toda criação é a consequência de uma absoluta necessidade. Deste modo, estabelecemos semelhanças com a fala de Buarque(1997), que refere-se à criação enquanto uma fonte de satisfação, que o move para outros estados subjetivos. Ou seja, produzir para Chico Buarque e Deleuze trata-se de uma necessidade.

De acordo com o filósofo (2017), no cenário contemporâneo as forças criativas encontram-se gradativamente empobrecidas, já que o que ocorre com frequência são cópias aos modelos criativos já existentes, ou seja, prontos. A respeito disto, menciona: “Os imitadores imitam-se entre si, de onde sua força de propagação, e a impressão de que fazem melhor que o modelo, pois conhecem a maneira ou a solução.” (DELEUZE, 2017, p. 164).

Neste sentido, ao considerar a complexidade envolta em todo ato criativo, Deleuze (2017) ressalta que toda criação, independentemente de seu domínio, precisa ser capaz de produzir movimentos, ou seja, cruzamentos com linhas distintas para a produção de ressonâncias. A partir destes entroncamentos será possível que a criação se desenvolva e encontre espaços para a criação de sentidos.

Nota-se que a arte de Chico Buarque é composta por diferentes cruzamentos com a literatura, com a música, com o teatro, com a cultura, ou seja, pelos fatos sociais e cotidianos que possibilitam ao seu público a promoção de sentimentos, pensamentos e sentidos.

Deleuze (2017) compreende que a filosofia, a ciência e as artes, apesar de suas especificidades, assemelham-se por serem disciplinas criativas. Além disso, assemelham-se na maneira como encaram o caos: a partir de seus instrumentos específicos cada uma destas disciplinas criam seus próprios movimentos: com a criação de conceitos, funções e blocos de sensações, que conforme mencionado, estabelecerão ressonâncias:

Assim, a filosofia, a arte e a ciência entram em relações de ressonância mútua e em relações de troca, mas a cada vez por razões intrínsecas. É em função de sua evolução própria que elas percutem uma na outra. Nesse sentido, é preciso considerar a filosofia, a arte e a ciência como espécie de linhas melódicas estrangeiras umas às outras e que não cessam de interferir entre si. (DELEUZE, 2017, p. 160).

Ou seja, a partir das interferências possíveis entre diferentes domínios o pensamento encontra novas possibilidades de experimentação. E o caos, para Deleuze e Guattari (1991) possui importante papel no ato criativo, já que também possibilita ao pensamento novas reconfigurações, encontros e devires.

Segundo Deleuze e Guattari (1997) a arte decorre das matérias de expressão construídas em um agenciamento territorial, ou seja, a partir da sua criação o artista deixa sua marca no mundo e realiza as demarcações de seu território físico e subjetivo. Em contato com o mundo o artista apropria-se da sua sensibilidade para extrair do mundo externo novas possibilidades criativas, e desta maneira, eterniza seus sentimentos. Logo, a arte torna-se independente de seu criador, ela se conserva:

Num romance ou num filme, o jovem deixa de sorrir, mas começará outra vez, se voltarmos a tal página ou a tal momento. A arte conserva, e é a única coisa no mundo que se conserva. Conserva e se conserva em si, embora, de fato, não dure mais que seu suporte e seus materiais, pedra, tela, cor química, etc.(DELEUZE; GUATTARI, 1991, p. 213).

Segundo Deleuze e Guattari (1991), para se conservar, para resistir, é necessário que a arte adquira forças suficientes para isto. Para tanto, é preciso que haja a criação de um bloco de sensações, isto é, um composto de perceptos e afectos que a sustente. Os autores mencionam (1991, p. 213): “a obra de arte é um ser de sensação, e nada mais: ela existe em si.”

Deste modo, ao tornar-se um bloco de sensações, a arte possibilita a aceleração dos blocos de devir, das malhas de forças e da multiplicidade de atravessamentos, que por sua vez, oferecem ao pensamento a experimentação de uma gama de sensações. A respeito disto os autores mencionam (1991, p.196): “Pintamos, esculpimos, compomos, escrevemos com sensações. Pintamos, esculpimos, compomos, escrevemos sensações.”

Deste modo, segundo Deleuze e Guattari (1991) o que se conserva na arte não é a matéria de expressão, o material em si, mas sim os perceptos e os afectos que a constitui e que são capazes de adentrarem as sensações. Ao desfrutar das notas musicais, da arte dos sons, o músico faz emergir blocos de sensações, do mesmo modo que o pintor, o escritor, o cineasta, o dançarino (e os demais envolvidos com a criação artística) os fazem surgir:

É de toda arte que seria preciso dizer: O artista é mostrador de afectos, inventor de afectos, criador de afectos, em relação com os perceptos ou as visões que nos dá. Não é somente em sua obra que ele os cria, ele os dá para nós e nos faz transformamos com eles, ele nos apanha no composto. (DELEUZE;GUATARRI, 1991, p. 227).

Deleuze menciona em "O abecedário de Gilles Deleuze"(1988-1989) que a arte possibilita a liberação da vida aprisionada pelo homem e a torna potente, criativa. Graças à arte a vida torna-se suportável, plausível de ser sentida e significada.

### **QUANDO A BANDA PASSA...**

Conforme já mencionado no início deste estudo, a canção A Banda de Chico Buarque nos possibilita múltiplos pensamentos e sensações. A canção trata-se de uma metáfora para pensarmos a potente afetação das artes. Ela relata o acontecimento de uma banda que passa pelas ruas de uma determinada cidade e promove diferentes sensações, a medida que cada morador que disponibiliza-se a senti-la, é contagiado de diferentes maneiras.

A banda em questão passa pelas ruas da cidade cantando coisas de amor e oferece ao seu povo momentos de descontração: o esquecimento momentâneo da dor cotidiana e a experimentação de novos estados subjetivos trazidos por meio das frases e sons reproduzidos pelos músicos, compositores, e talvez, dançarinos. Em contato com a arte os personagens mencionados rendem-se:

O homem sério que contava dinheiro parou  
O faroleiro que contava vantagem parou  
A namorada que contava as estrelas parou  
Para ver, ouvir e dar passagem

A moça triste que vivia calada sorriu  
A rosa triste que vivia fechada se abriu  
E a meninada toda se assanhou  
Pra ver a banda passar  
Cantando coisas de amor

O velho fraco se esqueceu do cansaço e pensou  
Que ainda era moço pra sair no terraço e dançou  
A moça feia debruçou na janela  
Pensando que a banda tocava pra ela  
(Chico Buarque)

Conforme mencionado por Deleuze e Guattari (1991), quando a arte torna-se um ser de sensações, ela propicia a aceleração dos blocos de devir e



consequentemente a experimentação de múltiplas sensações, a partir dos perceptos e afectos que permanecem, mesmo diante da ausência da arte.

Para Deleuze (2016) a arte possui a incrível capacidade de promover encontros inesperados e até mesmo não reconhecíveis, tanto para o criador, a medida em que propõe-se a colocar-se no mundo a partir de sua criação e a provar o encontro com novos mundos, como para o expectador, que também usufrui destas afetações para modificar-se:

Uma obra deve fazer jorrar problemas e questões nos quais somos tomados, mais do que dar respostas. Uma obra é uma nova sintaxe, o que é muito mais importante que o vocabulário e que vai escarafunchando uma língua estrangeira na língua. (DELEUZE, p. 305, 2016).

Deste modo, assim como a banda passa e promove sensações, o mesmo ocorre com todas as formas de arte. Segundo Deleuze (2016) a arte propicia uma multiplicidade de emoções que servem à vida para a construção de novas possibilidades por meio dos encontros e devires.

Nota-se que na canção os personagens entraram em contato com novas sensações, experimentando novas formas de enxergarem e se relacionarem com o mundo, arriscando até mesmo improvisações: antes velho e cansado demais e em contato com a arte potente para criar, dançar e sentir a alegria pelas ruas da cidade.

Neste sentido, pensamos na importância do conceito filosófico criado por Deleuze e Guattari (2017), denominado de intercessor, ou seja, um amplo conjunto de coisas, pessoas, ideias, músicas, sons, ou mesmo objetos, que nos servem para intensificar o pensamento:

A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas – para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas – mas também coisas, plantas, até animais, como em Castañeda. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores. É uma série. Se não formamos uma série, mesmo que completamente imaginária, estamos perdidos. Eu preciso dos meus intercessores para me exprimir. (DELEUZE, 2017, p. 160).

De acordo com os filósofos (2017) o pensamento é composto por múltiplos atravessamentos/agenciamentos, e neste sentido, ressaltam a importância de construirmos intercessores, sendo a arte, uma destas possibilidades. Conclui-se que a arte proporciona a aceleração dos pensamentos, ou seja: arte e pensamento não

tratam-se de fenômenos opostos, pelo contrário, suas possíveis ressonâncias possibilitam que façamos a união da arte do e pensamento em um mesmo lugar.

## CONCLUSÃO

Diálogos entre diferentes disciplinas são fundamentais, pois possibilitam a ampliação de nossos conhecimentos. A partir das ressonâncias feitas entre a arte e a filosofia de Gilles Deleuze pensamos a arte para além das matérias de expressão.

Ao tornar-se um bloco de sensações, a arte adquire a capacidade de adentrar as sensações por meio dos perceptos e os afectos e deste modo torna-se perdurável, torna-se uma potente forma de resistência que possibilita ao homem a aceleração de seus pensamentos, de sua capacidade criativa e a criação de novos mundos.

## REFERENCIAS

BUARQUE, C. **Entrevista a Chico Buarque de Holanda: Me gostaria que dijeran de mí: fue buen alumno de Tom Jobim. Página 12**, Buenos Aires, 07 set. 1999, p. 25.

BUARQUE, C. Como falar ao povo? **Veja**, São Paulo, ago. 1978. Disponível em: <[http://www.chicobuarque.com.br/texto/entrevistas/entre\\_veja.htm](http://www.chicobuarque.com.br/texto/entrevistas/entre_veja.htm)>. Acesso em: 27 ago. 2018.

DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. São Paulo: 34, 2011.

\_\_\_\_\_. **Conversações (1972-1990)**. São Paulo: 34, 2017.

\_\_\_\_\_. **Dois regimes de loucos textos e entrevistas (1975-1995)**. São Paulo: 34, 2016.

\_\_\_\_\_. GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** São Paulo: 34, 1991.

\_\_\_\_\_.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia (v.4)**. Rio de Janeiro: 34, 1997.

DRUMMOND, C. A. A banda. **Correio da Manhã**. São Paulo, 14 out. 1966, p. A6. Disponível

em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842\\_07&pagfis=68883&url=http://memoria.bn.br/docreader#](http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_07&pagfis=68883&url=http://memoria.bn.br/docreader#)>. Acesso em: 27 ago. 2018.

GOLDZTEJN, H. **Versus**, São Paulo, set. 1977. Disponível em: <[http://www.chicobuarque.com.br/texto/entrevistas/entre\\_09\\_77.htm](http://www.chicobuarque.com.br/texto/entrevistas/entre_09_77.htm)>. Acesso em: 27 ago. 2018.

HOLLANDA, C. B. **Cronologia da vida de Chico Buarque**. Disponível em: <<http://www.chicobuarque.com.br/vida/vida.htm>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

MARTINS, C. A. O inconformismo social no discurso de Chico Buarque. **Revista Fênix: Revista de História e Estudos Culturais**. Uberlândia, v. 2, n. 2, p. 01-18, jan. 2005.

O ABECEDÁRIO de Gilles Deleuze. Transcrição integral de vídeo, para fins exclusivamente didáticos. Divulgado no Brasil pela TV Escola, Ministério do Brasil. Tradução de Raccord [com modificações], s/d.